

O ESTILO DE TRADUTORES E TRADUÇÕES DE HEART OF DARKNESS EM UMA PERSPECTIVA LINGUÍSTICA: ESCOLHAS LEXICAIS COMO INDICADORES DE RELAÇÕES RACIAIS

Marina Sampaio Montenegro¹

Mayelli Caldas de Castro²

RESUMO: Este estudo analisa o estilo de quatro tradutores do português europeu de *Heart of Darkness*, por meio de investigação eletrônica das escolhas lexicais referentes aos pares de contrastes presentes na obra. Esses pares de contrastes são deliberadamente utilizados pelo autor do texto-fonte para criar um clima de ambiguidade, sendo este um dos principais temas identificados por pesquisadores (STUBBS, 2003, 2005; TURCI, 2007). Alguns críticos literários julgam a obra de Conrad como racista, outros dizem ser uma obra que denuncia o racismo. Turci (2007) investiga o lema *Dark** para verificar se as palavras derivadas desse lema foram utilizadas na obra para descrever imagens da Inglaterra ou da África. Este estudo parte das investigações de Stubbs (2003, 2005) e Turci (2007), para identificar se escolhas lexicais relacionadas aos pares de contrastes, e atribuídas aqui como traços de estilo dos tradutores, interferiram na descrição das relações raciais ou não nas traduções. O estudo se fundamenta no aporte teórico metodológico dos Estudos da Tradução baseados em *Corpus* (BAKER, 2000). Os resultados mostraram, principalmente, que a variedade nas escolhas lexicais pode ser atribuída aos traços estilísticos dos tradutores e das traduções, influenciando o texto final e alterando, assim, a imagem do mundo ficcional.

PALAVRAS-CHAVE: Estilo do tradutor. Estudos da Tradução baseados em *Corpus*. Relações raciais.

ABSTRACT: This study analyzes the style of four European Portuguese translators of *Heart of Darkness*, through electronic research of lexical choices related to the use of pairs of contrasts in the novel. These pairs of contrasts are deliberately used by the source text author to create an ambiguity atmosphere. The ambiguity is one of the major investigated themes in Joseph Conrad's text (STUBBS, 2003, 2005; TURCI, 2007). Some literary critics state that the romance is racist; others say that Conrad is denouncing racism. Turci (2007) studies derived words from the search node *Dark** to verify if these words were used to describe images of England or of Africa. This study is motivated by

¹ Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professora da rede estadual do Ceará, Brasil. E-mail: marinasmonte@hotmail.com.

² Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professora efetiva do Instituto Federal do Espírito Santo - IFES, Colatina/ES, Brasil. E-mail: mayellicaldas@gmail.com.

the investigations made by Stubbs (2003, 2005) and Turci (2007) in order to identify if lexical choices, related to the pair of contrasts, interfered or not in the description of race relations in the translations. These lexical choices are attributed here as style traits of the translator. This study is based on *Corpus-Based Translation Studies* (BAKER, 2000). The findings showed that the variety of lexical choices may be attributed as the translators' stylistic traits and, also, as the translations'. Thus, these choices influenced the final text and, consequently, the fictional world.

KEYWORDS: Translator style. *Corpus*-based translation studies. Race relations.

Introdução

O objetivo desse estudo é fazer uma análise de traços do estilo de quatro tradutores, e de suas traduções, de *Heart of Darkness* (HOD) para o português europeu, por meio de levantamento de dados quantitativos referentes às escolhas lexicais de pares de contrastes, no nível micro linguístico, para uma análise qualitativa das obras. Ainda, este estudo também propõe analisar, quanti-qualitativamente, como a escolha por determinados pares de contrastes determinou alterações na forma como o mundo ficcional foi descrito e traduzido, no que tange às relações raciais descritas por pares de contrastes, amplamente utilizados na obra de Conrad e responsáveis pela criação da ambiguidade presente na obra. A ambiguidade no texto-fonte (TF) enfatiza o clima de mistério e dúvida, e, também, denuncia as tensões raciais e sociais da época do imperialismo inglês.

As escolhas lexicais dos tradutores, referentes a estes pares de contrastes, podem interferir na forma como o leitor percebe o mundo ficcional e, também, as relações sociais e raciais da época. Mesmo sendo o TF publicado em 1902, são lançadas traduções dessa obra em várias línguas todos os anos, o que faz com que HOD seja mencionada como obra atemporal e universal. Se o recurso de repetições por pares de contrastes contribuiu para uma discussão e menção a uma forte separação social e tensão racial da época, suas traduções para o português europeu podem contribuir para trazer a discussão para o mundo contemporâneo, uma vez que as escolhas lexicais dos pares de contrastes podem ser utilizadas durante treinamento de tradutores para ilustrar traços de estilo individual, marcados por escolhas conscientes ou não, e que podem interferir na descrição do mundo ficcional e de seus personagens, influenciando também questões como o ponto de vista da narrativa, por exemplo. Além disso, as traduções podem ter alterado essas escolhas no

sentido de ampliar ou mitigar a forma como essas relações e tensões raciais acontece na estória.

Esta pesquisa fundamenta-se nos Estudos da Tradução baseados em *Corpus* (ETBC), principalmente em estudos relacionados ao estilo do tradutor (BAKER, 2000) e do texto traduzido (MALMKJAER, 2003, 2004), e, por fim, aqueles que apresentam uma abordagem mista (SALDANHA, 2011a), contemplando o estilo do tradutor e do texto traduzido (TT). A motivação principal para a escolha dos itens investigados parte das investigações e achados sobre o estilo de *Heart of Darkness* em uma perspectiva linguística (STUBBS, 2003, 2005; TURCI, 2007).

A metodologia é com base na utilização das ferramentas da linguística de *corpus*, para um levantamento de dados quantitativos e posterior análise qualitativa. Trabalhou-se com a hipótese de que os achados referentes às escolhas lexicais, dos pares de contrastes dos TTs em comparação aos do texto-fonte (TF), indicarão pistas de traços estilísticos dos tradutores, como atributo pessoal, e de suas traduções, como atributo textual, revelando a forma como o mundo ficcional é descrito, denunciando possíveis tensões raciais.

Estilística: Estilo do Tradutor vs. Estilo do Texto Traduzido

Em Leech e Short (1981, p. 10-11), Estilística é definida como a disciplina que estuda estilo por meio de traços linguísticos. “A estilística literária tem o objetivo de explicar, implícita ou explicitamente, a relação entre as línguas e sua função artística”³. Do ponto de vista literário, o analista questiona que efeitos estéticos são alcançados através da língua, enquanto do ponto de vista linguístico, questiona-se por que certo autor escolheu uma forma de expressão em detrimento de outra.

Simpson (2004) pontua que a estilística moderna tem se desenvolvido e criado métodos estilísticos enriquecidos pelas teorias de discurso, cultura e sociedade. A Estilística também tem sido considerada um valioso método para o ensino de línguas,

³ No original: “*literary stylistics has, implicitly or explicitly, the goal of explaining the relation between language and artistic function*”.

uma vez que direciona sua atenção para a ampliação de recursos oferecidos por um dado sistema linguístico. Assim, o autor propõe que estudar estilística é explorar a língua, ou ainda, a criatividade na língua em uso, reforçando que o estudo da estilística amplia a forma de pensar sobre a língua, o que favorece uma maior compreensão sobre os textos em geral, mais especificamente sobre os textos literários.

Os estudos seminais de Baker (1993, 1995, 1996) fundam os Estudos da Tradução baseados em *Corpus*, propondo a interface entre a Linguística de *Corpus* e os Estudos da Tradução e apontando para a relevância do texto traduzido como um evento comunicativo mediador, e não somente como um texto derivado do TF.

Os estudos de estilo, sob diferentes perspectivas, tratam de se debruçar sobre a qualidade do texto traduzido, as características individuais de um determinado tradutor (BAKER, 2000), bem como a forma como foi construído a partir de um determinado TF (MALMKJAER, 2003, 2004). Há também estudos que abordam as perspectivas de estilo do texto traduzido e do tradutor (SALDANHA, 2011).

A partir do estudo de Baker (2000), define-se o estilo do tradutor como um tipo de impressão digital identificada por meio da observação de traços linguísticos padronizados, que podem ou não ser conscientes. Trata-se, portanto, de uma abordagem de estilo como atributo pessoal. É possível que um tradutor literário mostre uma preferência marcada para o uso de itens lexicais específicos, padrões sintáticos, recursos coesivos e ou pontuação, frente a outras opções ofertadas pelo sistema linguístico da língua-alvo (BAKER, 2000).

Para a análise do estilo do tradutor, Baker (2000) compara os textos traduzidos por um tradutor com outro ou vários diferentes tradutores, utilizando dados do *Translated English Corpus* (TEC), com uma variedade de textos traduzidos por diferentes tradutores para o inglês. O estudo de Baker (1995) apresenta os conceitos de item (*token*), forma (*type*) e razão forma-item (*type-token ratio*). Item é definido por uma sequência de letras separadas por um espaço em ambos os lados, enquanto forma se refere à palavra sem contar a quantidade de ocorrências repetidas em um dado *corpus*. A razão forma-item é calculada pela divisão entre o número de formas pelo número de itens multiplicado por 100. A densidade lexical pode ser observada a partir da razão forma-item. Quanto maior

for a razão, maior será a variedade lexical, e quanto menor a razão, menor a variedade lexical. Em estudos de estilística, a razão forma-item pode ser utilizada como um indicador inicial do comportamento do autor/tradutor, seguido da identificação de padrões recorrentes.

Baker (2000) compõe um *corpus* com traduções de dois tradutores literários, Peter Bush e Peter Clark. Fazendo uso do programa *WordSmith Tools*®, ela verifica as traduções de Peter Bush, do português e do espanhol, e de Peter Clark, do árabe. Os dados iniciais mostraram que a razão forma-item é menor para Peter Clark, e maior para Peter Bush, com restrita variação entre textos individuais. Esses dados iniciais sugerem que Peter Bush apresenta maior variação lexical do que Peter Clark.

Quanto aos achados relativos ao tamanho médio de sentenças⁴, Baker (2000, p. 251) verificou que este número é menor para Peter Clark, com ainda menos variação entre textos individuais. Estes dados estatísticos sugerem uma tendência de Clark de mediar os textos árabes de modo a torná-los, de certa forma, linguisticamente mais simplificados, uma vez que o público inglês tende a evitar detalhes acerca de culturas diferentes com diferentes valores, prioridades e estilo de vida.

Em Saldanha (2008), por exemplo, verifica-se o uso da explicitação como estratégia, investigando ainda as motivações dos tradutores para tal utilização. Os exemplos analisados neste estudo foram retirados do *Corpus* de traduções de Peter Bush e Margaret Jull Costa, ambos incluem traduções do espanhol e do português para o inglês. No *corpus* de Jull Costa, por exemplo, observa-se a presença de glossa para as palavras em português, provavelmente com a intenção de fornecer uma informação supostamente não pertencente ao conhecimento de mundo do leitor; assim como soluções para a tradução de itens culturais específicos, através de uma explicação no próprio texto. De modo geral, a tradutora parece facilitar, para o seu leitor, a compreensão de elementos a ele não familiares. O estudo, portanto, sugere que Jull Costa tende mais a explicitação do que Peter Bush. Já Saldanha (2008) se diferencia de Baker (2000) por comparar os TTs entre si e com os seus respectivos TFs.

⁴ Este número é calculado pelo mesmo processo pelo qual se calcula a razão forma-item.

É ampla a discussão acerca da possibilidade de haver uma impressão digital inerente a cada tradutor, mesmo porque o seu texto é influenciado pelo estilo do respectivo TF. Neste viés, os estudos de estilo do tradutor buscam identificar o que há de pessoal do tradutor neste TT, ou seja, como ele imprime o seu estilo ao seu texto que se origina do texto de outro autor.

Estilo para Malmkjær e Carter (2002, apud MALMKJAER, 2003, p. 13), é definido por “regularidade de ocorrências consistentes e estatisticamente significantes em um texto com determinados itens e estruturas, entre aqueles ofertados pela língua como um todo”⁵. A tradução realiza-se em um processo de mediação entre duas línguas em que o tradutor precisa fazer escolhas e administrar as restrições da língua alvo.

Malmkjær (2003) aponta para a necessidade de desenvolver uma metodologia, a qual nomeia ‘estilística tradutória’, que leve em consideração a relação entre o TT e o seu TF. Esta relação é necessária para que aspectos relevantes possam ser anotados pelo analista. Estes estudos se utilizam de uma abordagem de estilo do TT a partir da análise de padrões de ocorrências significativas de palavras, itens lexicais ou colocações via análise estatística. Identificam-se padrões de escolhas motivadas, isto é, aquelas escolhas feitas de forma consciente pelo tradutor, sem deixar de considerar as limitações impostas pelo texto original e pela língua de chegada.

Tratando também da presença mediadora do tradutor, Malmkjær (2004) aponta que uma análise das escolhas motivadas no TT deve levar em consideração a gama de opções pelo sistema linguístico. Sejam as escolhas conscientes ou não, o tradutor visa obter uma determinada resposta do leitor, e, para isso, seleciona cuidadosamente a linguagem mais adequada para que esta resposta seja obtida. Um escritor criativo, especialmente um escritor literário, é livre para escrever sobre assuntos de seu interesse e é livre para fazer as escolhas que julgar apropriadas. Já o tradutor, mesmo criativo, tem suas escolhas limitadas, pois precisa criar um texto que tenha uma relação de mediação direta com o texto-fonte.

⁵ No original: “‘Style’ can be defined as a consistent and statistically significant regularity of occurrence in text of certain items and structures, among those offered by the language as a whole”.

Malmkjær (2004, p. 16) reafirma, ainda, que sendo o TT mediado pelo tradutor, é natural que o seu ponto de vista sobre o TF esteja presente. O objetivo e o público-alvo da tradução são diferentes daqueles do original. É possível que ocorram nos TTs acréscimos ou omissões de características linguísticas e/ou culturais do TF, acarretando, portanto, mudanças de estilo.

Malmkjær (2004, p. 20), pesquisou a tradução de William Dulken para o inglês de uma coletânea de contos do dinamarquês Hans Christian Andersen. A tradução de Dulken parece evitar o que Andersen promove, que é certa alusão a forças divinas e sobrenaturais: Ainda segundo Malmkjær (2004), o público para o qual Dulken escreveu era notavelmente diferente do público para o qual Andersen dedicou sua obra. O texto traduzido em questão foi escrito no período vitoriano, em uma época em que houve uma cisão com a Igreja Católica Romana, dando origem à Igreja Católica Anglicana. Provavelmente, para não entrar em conflito com o novo conceito religioso instaurado, optou-se, neste TT, por suprimir os dogmas Católicos Romanos. Além desse aspecto histórico, observa-se um aspecto cultural, uma vez que o avanço tecnológico do século XIX gerou uma atmosfera antirreligiosa em que, muitas vezes, se fazia confundir religião com superstição. Este contexto sociocultural foi provavelmente o fator motivador das escolhas (omissões) do referido tradutor.

Uma abordagem mista de estilo considera o estilo do texto traduzido e também do tradutor. Saldanha (2011a, p. 28) considera estilo não só como atributo pessoal, mas também como atributo textual, uma vez que esta abordagem favorece a atribuição de “responsabilidade por escolhas estilísticas e vai além do texto fonte na busca pela motivação”⁶. Nesta abordagem, busca-se identificar as marcas linguísticas individuais de cada tradutor, comparado, também, ao estilo do TF e das traduções entre si.

Os procedimentos metodológicos em Saldanha (2011, p. 33-34) partiram da identificação de padrões recorrentes em diferentes TFs traduzidos pelo mesmo tradutor. O pressuposto é de que, quanto mais diverso for o estilo dos TFs, mais facilmente as marcas linguísticas identificadas ao longo dos TTs possam ser atribuídas ao tradutor. Seus

⁶ No original: “[...] *responsibility for stylistic choices and to go beyond the source text in search for motivation*”.

achados mostram que cada texto apresenta evidências acerca da existência de um padrão recorrente de escolhas. Assim, sugerem que os tradutores parecem assumir de forma diferente o seu papel de mediadores do TF, uma vez que tratam os itens culturais diferentemente (SALDANHA, 2011a, 2011b, 2011c).

No presente artigo, verificaram-se as escolhas lexicais, tidas como traços de estilo típico dos tradutores, mas que podem ter interferido no texto final, ou seja, no estilo do texto traduzido. Por meio da investigação de escolhas lexicais de pares de contrastes, analisou-se como os personagens e imagens foram descritos nos TTs em relação ao tema da ambiguidade e das relações raciais, presentes em HOD. Assim, optou-se pela adoção de uma abordagem mista de estilo, analisando aspectos do estilo do tradutor e do texto traduzido em um mesmo *corpus*.

O estilo de *Heart of Darkness*: por uma perspectiva linguística

Heart of Darkness é uma novela que foi escrita na virada do século XIX para o século XX, em que a decadência do império britânico se tornava evidente. Os valores da era vitoriana passaram a ser questionados e abolidos. A obra traz o desconforto vivido por um colono (Marlow) no interior do continente africano, ao perceber a transformação de um conterrâneo (Kurtz), em um ser embrutecido, possivelmente devido ao distanciamento da metrópole britânica e à aproximação da selva da colônia. O texto é permeado por essa sensação de desconforto, ou seja, pelo sentimento de inadequação e insatisfação vivido pelo narrador Marlow. Em HOD, a ideia de *trevas* e *escuridão* está presente desde o início, quando o personagem contempla um ocaso em um rio na metrópole, refletindo sobre esta, quando ainda não havia sido civilizada, “*But darkness was here yesterday*”.

A narrativa de Marlow é encaixada em outra, também de um narrador em primeira pessoa, um dos marujos do barco, o qual logo introduz a fala de Marlow, dominante em toda a novela, que conta a um grupo de navegadores a bordo do navio ancorado no estuário do Tamisa, sua aventura ao longo do rio (não nomeado) da colônia britânica.

Marlow consegue o emprego por influência de uma tia; seu trabalho é comandar um navio cuja função é transportar marfim rio abaixo. Kurtz é o famoso comerciante de marfim que teria se inserido no contexto da colônia de tal forma a necessitar ser resgatado para voltar à civilização. Kurtz passou a ser mistificado na colônia por ser europeu e simbolizar a iluminação e o conhecimento em um lugar aparentemente de trevas, escuro e inóspito. No entanto, sua suposta missão falha e ele chega a perder a razão, ou a sucumbir, morrendo na viagem de retorno. Os personagens europeus simbolizam, assim, uma luz que estava fadada a se apagar na colônia [africana], de modo que a treva física da colônia passa a se confundir com a treva psicológica dos personagens.

Partindo do pressuposto de Munday (2008), de que o estilo das traduções deve levar em consideração o que é marcado no TF para, em seguida, identificar os traços marcados no TTs, tomaram-se, por inspiração, duas descrições com base linguística do estilo de HOD. A saber, Stubbs (2003, 2005) e Turci (2007).

De acordo com Stubbs (2003, 2005), uma abordagem metodológica com base em dados quantitativos traria um novo olhar para a análise do estilo de HOD. Dados indicativos da frequência de palavras e da ocorrência de padrões de fraseologias podem fornecer mais subsídios para a descrição do estilo, assim como podem contribuir para a identificação de traços linguísticos relevantes que não tenham sido explorados pelos estudos de estilo a partir de uma perspectiva literária. O autor preconiza que os padrões de itens lexicais e fraseologias identificáveis via ferramentas de *corpus*, possivelmente, trarão mais indícios sobre a forma como os temas da obra foram tratados.

No que diz respeito à ambiguidade⁷, Stubbs (2005, p. 3-4) pontua que os temas principais são anunciados através de contrastes lexicais repetidos; ressaltam-se, aqui, as unidades de análise pré-definidas do estudo em tese, *dark* e *light*. Stubbs (*op.cit.*) observa, também, as ocorrências de *restraint* e *frenzy*, *appearance* e *reality*, *dreams* e *nightmares*. Estas palavras indicam a dificuldade do personagem Marlow em permanecer em contato

⁷ De acordo com Abbagnano (2012, p. 37) Ambiguidade refere-se a estados de fato ou situações: possibilidades de interpretações diversas ou presença de alternativas que se excluem.

com a realidade. Stubbs (2003, p. 08) pontua, ainda, que a atmosfera de indeterminação da obra é também visível por meio das escolhas linguísticas do autor.

Stubbs (2005, p. 4) apresenta a visão de certos críticos da obra de que esses contrastes são construídos de modo a deixar ambígua a questão acerca do *coração das trevas*. Ele pode se referir à África escura e envolta em trevas, ou ao coração presunçoso do colonizador branco, nas palavras de Stubbs (*op.cit.*), “à imoralidade dos colonizadores brancos”⁸.

Turci (2007) aborda o estilo de HOD e observa que pesquisadores de diversas áreas como estudos literários e culturais, antropologia e política têm discutido a representação da África por meio da obra de Conrad por décadas. Muitas leituras já foram feitas pelo viés literário; entretanto, pouca atenção tem sido dada à representação da África por uma análise estilística.

A ambiguidade permeia HOD desde o título, em que *darkness* pode ser entendida como uma treva física, a colônia africana, ou psicológica, o coração do colonizador europeu. A obra pode ser considerada ambígua, uma vez que suscita várias camadas de interpretações. Turci (2007, p. 100) verifica a recorrência do lema *dark** (56), padrão de repetição predominante ao longo de toda a novela, que sugere sobre o tema da obra e realiza, em seguida, uma análise em torno destes acerca das funções léxico-gramaticais de reiteração. Os achados de Turci (2007) são significativos para compreender o texto e são também manifestações linguísticas de questões culturais e históricas que, de certa forma, moldaram as relações entre a Inglaterra e a África no romance e no final do período vitoriano⁹ e que, de certa forma, perpetua-se até os dias de hoje.

Em sua análise, Turci (2007) mostrou que a maioria das ocorrências do lema *dark** (56 no total) se referia não aos africanos e ao seu continente, mas aos personagens britânicos colonizadores que, aos poucos, pareciam adentrar a treva, seja ela física, a África, ou psicológica, seu coração. Para esta análise, Turci (2007, p. 104-110) segue a divisão da obra em três partes. A primeira começa a partir da entrada de Marlow no barco

⁸ No original: “*to the immorality of the white colonialists*”

⁹ Período em que o Império Britânico alcançou o seu apogeu e chegou ao seu declínio.

Nellie e termina quando ele alcança a estação central da empresa belga. Esta parte tem 14.525 palavras e 15 ocorrências do lema *dark**. Dentre essas ocorrências, somente 6 se referem, no total, ao povo e ao cenário africano, enquanto 9 se referem a lugares e personagens europeus. Na segunda parte, que descreve o trajeto da estação central até o posto de *Kurtz*, há 12.284 palavras e 11 ocorrências do lema *dark**; dentre estas, somente uma se refere à paisagem africana, nenhuma ao povo africano, 3 se referem ao *Kurtz* em conexão com a paisagem local. Em 3 ocorrências, *dark** se refere aos personagens europeus. Na terceira parte, que vai da chegada ao posto até o retorno de Marlow para a Inglaterra via Bélgica, há 11.993 palavras com 30 ocorrências do lema em discussão. Dentre estes, 10 se referem ao personagem *Kurtz* em conexão com o cenário africano, e com sua amante africana, 5 ao cenário londrino, 5 à paisagem africana e 1 a um personagem europeu.

O estudo supracitado mostrou que os significados ambíguos e simbólicos do lema *dark** estão fortemente conectados com a atmosfera cultural do período em que a novela foi escrita. Desta forma, Turci (2007) aponta que HOD não é somente uma obra de arte atemporal, mas uma obra literária do final do período vitoriano, cujos horizontes eram claramente delimitados pelas visões e crenças da época.

O presente estudo, como já apresentado, se inspirou em Stubbs (2003, 2005) e Turci (2007) para definir as unidades de análise a partir das quais o estudo se expandiu. Optou-se por uma análise de escolhas lexicais de itens contrastantes, dos TTs, como unidades de significado usadas para descrever personagens e toda a atmosfera ficcional e, assim, apontarem para atmosfera ambígua que permeia o TF.

O estilo das traduções de *Heart of Darkness*

No âmbito internacional, têm-se conhecimento apenas de Kujawska-Lis (2008), cujo estudo aponta que no meio acadêmico polonês Conrad é mais discutido por sua suposta falta de nacionalismo, do que por preconceito racial. Ele é acusado, de certa forma, de trair sua terra natal por emigrar para a Inglaterra e não se referir às questões polonesas em suas obras de ficção. Outra explicação pela qual Conrad não é conhecido

na Polônia por questões raciais é provavelmente porque o autor é conhecido no país somente por suas traduções. Os tradutores pareceram exercer a função de uma espécie de filtro cultural.

O estudo em pauta analisa as duas traduções existentes de *Heart of Darkness* para o polonês; a de Zagorska (1930) e a de Socha (2004). A análise mostrou que os dois tradutores trataram o texto original de formas diferentes. Zagorska parece tentar traduzir palavra por palavra, tentando obedecer às estruturas do original, dando origem a um polonês incomum. Socha, por sua vez, se desprende mais da sintaxe e do léxico do original, porém, sua suposta liberdade implica em uma mudança na temática de Conrad. De forma breve, o estudo concluiu que Zagorska (prima de Conrad), parece ter atenuado as questões raciais do romance, enquanto Socha parece tê-las enfatizado.

No âmbito nacional, filiados ao GRANT (Grupo de Análise Textual de Tradução) do Laboratório Experimental de Tradução (LETRA) da UFMG, destacam-se acerca do estilo da tradução de HOD, Magalhães e Assis (2010), Magalhães, Castro e Montenegro (2013), Magalhães e Barcellos (2014) e Blauth e Magalhães (2015).

Magalhães e Assis (2010) buscaram identificar as representações dos personagens europeus e africanos em traduções brasileiras. O estudo se utilizou de ferramentas de *corpus* e partiu do inventário sócio semântico de representação dos atores sociais de Van Leeuwen (1996). A teoria forneceu, para o estudo, um aporte que apresenta a forma como os atores sociais podem ser representados através da língua. O estudo identificou forte presença do discurso racista nas traduções. Os personagens europeus eram personalizados e os africanos impersonalizados, sendo representados pelas partes do corpo.

Em Magalhães, Castro e Montenegro (2013), descreve-se um estudo exploratório que partiu de duas traduções de HOD em língua portuguesa, uma no português brasileiro, de Fábio Cyrino (2011), e outra no português europeu de Bernardo de Brito e Cunha (2006). O estudo se baseia na estilística tradutória e, assim como os outros estudos citados, utiliza-se da metodologia de *corpus*. A pesquisa parte da investigação das escolhas, nos TTs, dos pares de contraste que são padrões em HOD. A investigação mostrou que o TT brasileiro apresenta outros pares de contraste de

frequência elevada, além dos já identificados em HOD, como por exemplo, *Deus* e *diabo*; observa-se, também, pouca variação de escolhas para o lema *dark**. No TT português, a escolha de *luz* foi a mais frequente para *light*, enquanto houve certa variação entre os equivalentes de *dark**. O estudo sugere que os TTs certamente apresentam diferenças estilísticas entre si e em comparação ao TF, o que aponta para a necessidade de realização de mais estudos desta natureza.

Magalhães e Barcellos (2014) – em um *corpus* paralelo inglês/português, composto por um TF e dois TTs da obra *Heart of Darkness*, através de dados quantitativos (número de itens, formas, razão forma-item, número e tamanho médio de sentenças) –, verificou escolhas distintas entre os tradutores por meio de traços comuns aos TTs, como explicitação e implicação.

Blauth e Magalhães (2015) analisam o uso de itálico, palavras estrangeiras e itens culturais como características do estilo da tradução e ou do tradutor em um *corpus* paralelo inglês/português, contendo duas traduções portuguesas e quatro brasileiras. A hipótese da retradução também é testada. O estudo conclui que o comportamento linguístico de um dos tradutores pode ser considerado como próprio, possivelmente motivado, por um interesse de se apresentar aos seus leitores de uma forma específica. A hipótese da retradução não é confirmada ao final da análise.

Corpus de estudo e método de análise

O *corpus* de estudo é formado por quatro traduções portuguesas de HOD, Aníbal Fernandes (2006), Ana Margarida Marcos (1999), Bernardo de Brito e Cunha (2008) e Fernanda Pinto Rodrigues (2009), e pelo TF. Estes textos fazem parte de um *corpus* de extensão maior, o ESTRA (*Corpus* de Estilo da Tradução) (MAGALHÃES, 2014), vinculado ao LETRA (Laboratório Experimental de Tradução) do PosLin/FALE/UFMG. Com o total de 190.116 palavras, o *corpus* é considerado pequeno-médio, segundo Berber Sardinha (2004). Com um propósito ilustrativo, tem-se a Figura 1 apresentando as capas das traduções que integram o *corpus*.

Figura 1: Capas das publicações dos TTs



Fonte: MONTENEGRO, 2015.

As capas dos TTs estão apresentadas por ordem de publicação, a saber: HOD_Fernandes, HOD_Marcos, HOD_Brito e Cunha e HOD_Rodrigues. De modo geral, observa-se nas quatro imagens um padrão de contraste. Há uma predominância de tons escuros, sugerindo uma atmosfera sombria e melancólica, entretanto, há também elementos luminosos em contraste com os tons escuros.

Após compilação e preparação do *corpus*, seguiram-se os procedimentos de análise dos pares de contrastes com o uso de ferramentas de *corpus* do programa *WordSmith Tools*© (WST), principalmente a Lista de Palavras (*Word List*) para o levantamento das palavras (pares de contraste) prováveis de serem interpretadas como realizações linguísticas do tema da ambiguidade no tratamento das relações raciais. Dentre estes instrumentos, utilizou-se a lista de frequência, uma lista por ordem alfabética, bem como a lista de dados estatísticos gerados automaticamente pela ferramenta. Utilizou-se, neste estudo, o número de itens e de formas, assim como a razão forma/item e o número e tamanho médio de sentenças e parágrafos. Estes dados quantitativos comparam textos em uma mesma língua, de modo que foram utilizados para comparar os TTs portugueses entre si.

A partir dos estudos de Turci (2007) e Stubbs (2003, 2005), definiu-se por focalizar a construção do tema da ambiguidade nos TTs e observar como eles foram utilizados para descrever as relações raciais. Buscou-se verificar, no TF, as ocorrências de três pares de contraste selecionados por terem maior número de ocorrências, a saber; *darkness/light*, *black/white* e *night/day*. Após esta verificação inicial no TF, buscaram-se

nas listas de palavras dos TTs, os possíveis equivalentes dos mencionados pares. As escolhas lexicais identificadas serão apresentadas no capítulo seguinte.

Análise estatística via WST: Dados Gerais do *Corpus*

O WST gera dados que fornecem uma espécie de retrato do *corpus*. Nestes dados, já é possível perceber diferenças de estilo entre os tradutores. Estes resultados referentes ao número de itens e de formas, à razão forma/item simples e à razão forma/item padronizada, ao número e tamanho médio de sentenças e parágrafos em palavras foram relacionados com os resultados sobre as escolhas lexicais. A Tabela 1 ilustra estes dados.

Tabela 1: Dados gerais do *corpus*

CORPUS	ITENS	FORMAS	RAZÃO FORMA/ ITEM	RAZAO FORMA/ITEM PADRONIZADA
HOD_Conrad	38.757	5.455	14,07	45,41
HOD_Fernandes	37.299	7.213	19,34	51,60
HOD_Marcos	37.665	6.885	18,28	51,04
HOD_Brito e Cunha	38.237	7.085	18,53	50,28
HOD_Rodrigues	38.158	7.426	19,46	51,70

Fonte: MONTENEGRO, 2015.

A Tabela 1 mostra que o TF apresenta maior número de itens, 38.757. Dentre os TTs, HOD_Brito e Cunha, por sua vez, apresenta maior número de itens, 38.237. Quanto ao número de formas, o TF apresenta o menor número, 5.455, e dentre os TTs, HOD_Marcos tem número menor, 6.885. Estes dados indicam que, de formas diferentes, todos os tradutores apresentam uma tendência a reduzir o número de palavras e utilizar mais formas. Estes dados apontam para o uso de diferentes estratégias quanto à repetição de itens e de palavras.

Os números relativos à razão forma/item apontam para a variedade lexical. Segundo Baker (2000), a razão forma/item é uma média entre a quantidade e a diversidade de vocabulário utilizado em um dado *corpus* e quanto maior for a razão, maior é a diversidade lexical e quanto menor a razão, menor será a diversidade lexical do texto. Estes dados são utilizados para comparar textos em uma mesma língua, de modo que,

entre os TTs, HOD_Rodrigues apresentou maior variedade lexical, 19,46. Comparando os tradutores entre si quanto a esta característica, observou-se que HOD_Fernandes e HOD_Rodrigues se assemelharam, assim como HOD_Brito e Cunha e HOD_Marcos. A partir destes dados gerais verificaram-se tendências relativas ao comportamento linguístico dos tradutores. HOD_Marcos destacou-se por apresentar menor variedade lexical, enquanto HOD_Rodrigues apresentou maior variedade lexical. Assim, deu-se continuidade à análise, partindo dos pares de contraste do TF (*darkness/light*, *black/white*, *night/day*) com seus equivalentes nos TTs.

Análise das escolhas lexicais

Para verificar traços típicos e individuais de cada tradutor, verificou-se no TF, inicialmente, que *light* ocorria 28 vezes, número aproximado das ocorrências de *darkness*, 25. Optou-se, inicialmente, pelo par *darkness* e *light* por *darkness* indicar o tema central da obra e *light*, por ser o seu contraste. Stubbs (2003, 2004) aponta para a forte presença de contrastes em HOD e Turci (2007), ao analisar o lema *dark**, conclui que a maior parte destes se refere aos personagens europeus e não aos africanos, o que indica que a ambiguidade é um tema na obra de Conrad¹⁰.

Os outros pares selecionados foram *black/white* e *night/day* por terem maior número de ocorrências e refletirem o tema em estudo. A Tabela 2, apresentada a seguir, traz o número de ocorrências e a frequência das palavras que apontam para as escolhas lexicais no TF a partir das quais este estudo se desenvolveu.

Tabela 2: Pares de contraste do TF

ESCOLHAS LEXICAIS / TF	Nº DE OCORRÊNCIAS	%
<i>DARKNESS</i>	25	13
<i>LIGHT</i>	28	14
<i>BLACK</i>	42	21
<i>WHITE</i>	39	20

¹⁰ Ressalta-se que este estudo optou por desenvolver a análise a partir da palavra *darkness*, e não do lema *dark** como Turci (2007).

<i>NIGHT</i>	26	13
<i>DAY</i>	37	19
TOTAL	197	100

Fonte: MONTENEGRO, 2015.

Na Tabela 2, tomando-se o total de 197 (100%), verificaram-se os percentuais de cada palavra e viu-se que *darkness* e *light* representam 13 e 14% do escopo deste estudo, respectivamente, assim como *night* e *day* representam 13 e 19% e *black* e *white*, 20 e 21%. Os dados apontam que no TF os pares *darkness* x *light* e *night* x *day* apresentaram ocorrências mais aproximadas do que *black* x *white*. Estes dados são relevantes para que se possa estabelecer uma comparação entre as escolhas lexicais do TF e dos TTs.

Na sequência, apresentam-se as escolhas lexicais equivalentes nos TTs, dos mencionados pares do TF, identificados na lista de palavras. Como equivalentes de *darkness* e *light*, anotaram-se *treva*, *trevas*, *escuridão* e *luz*; de *black* e *white*, observaram-se *preta*, *negra*, *escura*, *preto*, *negro*, *escuro* e *branco*, *branca* e para *night* e *day*, *noite* e *dia*. Estas escolhas apontam para uma existência de uma variedade maior de escolhas lexicais nos TTs, mais especificamente em relação a *darkness* e *black*.

Escolhas lexicais nos TTs

A Tabela 3 apresenta o número de ocorrências, em números inteiros e em números percentuais, das escolhas lexicais referentes aos pares de contraste anotados nos TTs:

Tabela 3: Pares de contraste nos TTs

ESCOLHAS LEXICAIS	HOD_Fernandes	HOD_Marcos	HOD_Brito e Cunha	HOD_Rodrigues

<i>TREVAS</i>	20 (9%)	25 (12%)	19 (9%)	19 (10%)
<i>TREVA</i>	10 (4%)	0 (0%)	4 (2%)	1 (0%)
<i>ESCURIDÃO</i>	5 (2%)	3 (2%)	11 (5%)	6 (3%)
<i>LUZ</i>	32 (15%)	39 (18%)	29 (14%)	31 (16%)
<i>PRETA</i>	3 (1%)	0 (0%)	3 (2%)	4 (2%)
<i>NEGRA</i>	10 (5%)	13 (6%)	10 (5%)	6 (3%)
<i>ESCURA</i>	8 (4%)	3 (1%)	3 (2%)	6 (3%)
<i>PRETO</i>	0 (0%)	6 (3%)	1 (1%)	4 (2%)
<i>NEGRO</i>	19 (9%)	13 (6%)	21 (10%)	17 (9%)
<i>ESCURO</i>	9 (4%)	13 (6%)	10 (5%)	9 (5%)
<i>BRANCA</i>	11 (5%)	9 (4%)	8 (4%)	9 (5%)
<i>BRANCO</i>	23 (11%)	23 (11%)	23 (11%)	23 (12%)
<i>NOITE</i>	34 (16%)	33 (16%)	27 (13%)	28 (14%)
<i>DIA</i>	32 (15%)	32 (15%)	34 (17%)	32 (16%)
TOTAL	216 (100%)	212 (100%)	203 (100%)	195 (100%)

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2019.

As diferenças e semelhanças nas escolhas lexicais dos pares de contrastes analisados entre os TTs podem ser verificadas na Tabela 3 acima. Em HOD_Fernandes somaram-se, no total, 216 palavras, número superior ao total do TF. Isto mostra que essas palavras podem ter sido utilizadas como parte do uso de maior variedade lexical pelo tradutor para traduzir as palavras dos pares identificados no TF, em especial, *darkness* e *black*.

Tomando o número 216 por 100%, observou-se que *trevas* representa 9% deste total, *treva*, 4%, *escuridão*, 2%, *luz*, 15%, *preta*, 1%, *negra*, 5%, *escura*, 4%, *negro*, 9%,

escuro, 4%, *branca*, 5%, *branco*, 11%, *noite*, 16% e *dia*, 15%. As palavras *luz*, *dia*, *noite* e *branco* ocorreram com maior frequência, seguidas por *trevas* e *negro*, com o mesmo percentual, 9%, enquanto as demais representam 5% ou menos.

Em HOD_Marcos somou-se um total de 212 palavras em análise. Não houve ocorrências de *treva* e *preta*. Assim como em HOD_Fernandes, a soma das palavras também é maior do que a soma das palavras do TF, embora menor do que em HOD_Fernandes, indicando que HOD_Marcos, neste recorte, apresenta menor variedade lexical do que HOD_Fernandes. Em HOD_Marcos observam-se, deste total, 12% de *trevas*, 2% de *treva*, 18% de *luz*, 6% de *negra*, 1% de *escura*, 3% de *preto*, 6% de *negro* e de *escuro*, 4% de *branca*, 11% de *branco*, 16% de *noite* e 15% de *dia*. As palavras *luz*, *noite*, *dia*, *trevas*, e *branco*, dentro deste escopo, ocorreram mais em termos percentuais, respectivamente. As demais representam 6% ou menos do total.

Em HOD_Brito e Cunha anotaram-se 203 ocorrências no total, o que aponta para diferenças de escolhas entre os tradutores, já sugerindo diferenças no comportamento linguístico. HOD_Brito e Cunha apresenta menor número das palavras dos pares de contraste em análise do que HOD_Fernandes e HOD_Marcos. Em termos percentuais, observa-se que as 203 palavras em análise, representam o total, 100%, deste total, têm-se: 9% de *trevas*, 2% de *treva*, 5% de *escuridão*, 14% de *luz*, 2% de *preta*, 5% de *negra*, 2% de *escura*, 1% de *preto*, 10% de *negro*, 5% de *escuro*, 4% de *branca*, 11% de *branco*, 13% de *noite* e 17% de *dia*. Quanto às palavras de maior percentual, ressaltam-se *dia*, *luz* e *noite*. *Branco*, *negro* e *trevas* ocorreram de forma aproximada e decrescente em um ponto percentual, enquanto as outras representaram 5% ou menos do total de escolhas lexicais.

Em HOD_Rodrigues, verificou-se o menor somatório de palavras analisadas dentre os TTs, sendo ainda o único texto que apresentou soma menor do que o TF. Estes dados mostram uma provável tendência do tradutor ao uso de menor variedade lexical. Em HOD_Rodrigues, tomando-se o total de 195 representando 100%, visualiza-se 10% de escolhas por *trevas*, 3% de *escuridão*, 16% de *luz*, 2% de *preta*, 3% de *negra* e *escura*, 2% de *preto*, 5% de *escuro*, 5% de *branca*, 12% de *branco*, 14% de *noite* e 16% de *dia*. Com apenas 1 ocorrência, o item *treva* não foi contabilizado.

Na Tabela 3, observam-se semelhanças e diferenças na forma como os TTs foram construídos, em especial, relativas às escolhas lexicais que apontam para o tema da ambiguidade e para o uso desses pares de contrastes na descrição e no tratamento das imagens ficcionais que representam as relações raciais. É interessante ressaltar as semelhanças, tendo em vista que os quatro tradutores traduzem o mesmo TF para uma mesma língua, em um mesmo dado período do tempo, o que diminui a possibilidade de variações relativas ao uso da língua em determinada época. Assim, nota-se, por exemplo, que a palavra *branco* obteve a mesma frequência em todos os TTs, perfazendo um percentual aproximado de 11%. A palavra *dia* também teve uma frequência relativamente aproximada.

É interessante notar que, de uma forma geral, pode-se argumentar que houve maior movimento de variação nas escolhas lexicais referentes às palavras que representam “o lado escuro”, isto é, “a parte negra”. Nota-se que alguns números e frequências se diferem de forma interessante entre os tradutores, o que pode indicar preferências. Embora o foco deste trabalho se direcione ao estilo do tradutor, esta análise sugere que o estilo do tradutor (BAKER, 2000) tem estreita relação com o estilo do texto traduzido (MALMKJAER, 2003, 2004).

Por fim, analisa-se a relação entre o número de itens de contraste e o seu número de formas. Assim, como no cálculo razão forma/item simplificado oferecido pelo WST, dividiu-se o número de formas pelo número de itens e multiplicou-se este resultado por 100, conforme a Tabela 4, a seguir:

Tabela 4: Razão forma/item das palavras e formas de contraste do *corpus*

<i>Corpus</i>	Palavras de contraste	Formas de contraste	Razão forma/item
HOD_Conrad	197	6	3,04
HOD_Fernandes	216	14	6,48
HOD_Marcos	212	12	5,66
HOD_Brito e Cunha	203	13	6,4
HOD_Rodrigues	195	14	7,17

Fonte: MONTENEGRO, 2015.

Quanto ao número de itens de contraste, percebe-se que HOD_Rodrigues se aproxima mais do TF. Quanto ao número de formas, salientam-se semelhanças e diferenças, uma vez que HOD_Fernandes e HOD_Rodrigues fizeram uso de todas as formas que aqui se propuseram a analisar, já HOD_Marcos e HOD_Brito e Cunha se comportaram de forma diferente, deixando de escolher duas e uma forma, respectivamente.

Propôs-se, aqui, este olhar para os números de palavras e formas de contraste, pela possibilidade de identificar, em um nível micro, características do estilo dos tradutores que possam ser relacionadas aos efeitos no nível macro dos TTs. Assim, comparando-se a razão forma/item das palavras de contraste no nível micro (Cf. Tabela 4) com a razão forma/item geral do *corpus*, nível macro, (Cf. Tabela 1) observou-se, uma sequência de variedade lexical equivalente à razão forma/item geral. Desse modo, tem-se que HOD_Conrad apresenta menor variedade lexical no *corpus*. Dentre os TTs, HOD_Rodrigues apresenta maior variedade lexical, seguido de HOD_Fernandes, HOD_Brito e Cunha e, por último, HOD_Marcos. Estes dados, ainda que referentes às escolhas lexicais, apontam para a proposição de que o conjunto de escolhas realizadas no nível da microestrutura textual tem efeito na macroestrutura textual, o que pode apontar para traços do estilo dos tradutores, como afirmam Baker (2000) e Saldanha (2008, 2011).

Além disso, a forma como o leitor enxerga o mundo ficcional ao ler o texto traduzido pode ser modificada, dependendo das escolhas lexicais feitas pelos tradutores. No caso das escolhas por pares de contrastes das obras analisadas, a maior variedade lexical nas traduções pode provocar alterações de percepções e imagens formadas na mente do leitor. Ainda, as traduções parecem adquirir um formato diferente com tendências à amplificação, como em HOD_Fernandes, ou à simplificação, como em HOD_Rodrigues. A seguir, os Quadros 1 e 2 mostram alguns exemplos extraídos do *corpus*, que ilustram as escolhas lexicais dos pares de contrastes estudados nos TTs em comparação com o trecho equivalente no TF.

Quadro 1: Exemplos do *Corpus*

HOD_Fernandes	<i>This was simple prudence, white men being so much alike at a distance that he could not well see who I might be.</i>
	<i>Simples prudência, pois à distância os brancos são tão parecidos que não podia ver quem eu era.</i>
HOD_Brito e Cunha	<i>It was paddled by black fellows.</i>
	<i>Eram conduzidos por negros.</i>
HOD_Rodrigues	<i>There was a lamp in there – light, don't you know – and outside it was so beastly, beastly dark.</i>
	<i>Havia ali uma lanterna – luz, compreendem – e lá fora estava uma escuridão pavorosa, pavorosa.</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2019.

No primeiro par de exemplos do quadro observa-se a interessante descrição do trecho para os *homens brancos* (*white men*) feita por Conrad. O autor alega que é preciso fazer uma distinção por segurança, tendo em vista a semelhança entre os brancos. Fernandes omite a palavra *homens*, talvez por economia, no entanto essa omissão traz uma sensação de maior distanciamento entre as “raças”, uma vez que a distinção agora será entre “os brancos” e “os negros” e não entre homens. Mesmo que inconscientemente, essa escolha gerou um aparente desconforto por retirar o elemento de humanidade “dos brancos”.

No par de exemplos de HOD_Brito e Cunha, observa-se que a palavra *fellows*, do grupo *black fellows*, foi omitida e traduzida apenas por *negros*. Assim como a omissão de Fernandes no exemplo anterior, essa omissão também traz o mesmo desconforto, uma vez que a palavra *fellows* indica reciprocidade de relação (sinônimos: *match*, *peer*, etc) e, conseqüentemente, é uma palavra que transmite uma descrição de amizade, ou relação entre pares, de companheiros, de camaradagem, relação esta que não foi transmitida para a tradução. Na tradução, tem-se, novamente, uma acentuação do clima de separação racial entre *negros* e *brancos*.

O trecho retirado em HOD_Rodrigues, ilustra um descrição do personagem Marlow sobre o ambiente em que estava, quando já estava na colônia [África]. Observa-se que tanto no TF quanto no TT descreve-se que do lado de dentro, onde ele estava havia luz e no ambiente externo [cenário africano] havia *escuridão* e que era pavorosa.

Quadro 2: Exemplos do *Corpus*

HOD_Fernandes	<i>A lot of people, mostly black and naked, moved about like ants.</i>
	<i>Gente negra e nua, na maior parte, andava como formigas de um lado para o outro.</i>
HOD_Rodrigues	<i>It was very curious to see the contrast of expressions of the white men and of the black fellows of our crew, who were as much strangers to that part of the river as we, though their homes were only eight hundred miles away.</i>
	<i>Era muito curioso observar o contraste dentre as expressões dos brancos e as dos negros da nossa tripulação, tão desconhecedores daquela parte do rio como nós, apesar de as suas casas ficarem apenas a oitocentas milhas de distância.</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2018.

No Quadro 2 tem-se uma alteração na compreensão do mundo ficcional, provocada por uma sutil alteração no trecho traduzido em HOD_Fernandes. O quantificador *a lot of* foi retirado e, com isso, a noção de quantidade elevada de pessoas se perde, pois no texto-fonte vê-se que eram *muitas pessoas (a lot of people)*, que em sua maioria eram negras e estavam nuas (*mostly black and naked*), o que quer dizer que nem todas eram *negras* e nem todas estavam *nuas*. Porém, foi traduzido por Fernandes como *gente negra e nua* o que alterou, consideravelmente, as possibilidades de percepção do mundo ficcional pelo leitor, já que a expressão *na maior parte* não explicitou se se referia ao grupo de pessoas [negras e nuas] ou ao grupo *que andava como formigas*. É como se as pessoas negras do local estivessem sempre nuas e a escolha na tradução por *gente negra e nua* imprime julgamento de valor.

No segundo par de exemplos, de HOD_Rodrigues, observa-se a mesma escolha lexical feita por Fernandes e Brito e Cunha no Quadro 1, isto é, houve novamente a opção

pela omissão das palavras *men e fellows* que foram traduzidas apenas por *brancos e negros*. Infere-se que na tradução a relação/separação racial foi preferida em detrimento da humanidade.

Portanto, a tradução tem um papel importante nesse caso, e o tradutor pode, através de suas escolhas, conscientes ou não, influenciar e modificar o mundo textual e a imagem dos personagens, em suas relações sociais e de poder na narrativa. Nesse sentido, a contribuição de uma narrativa como essa é lançar luz sobre discussões relativas às relações raciais na sociedade, por meio da identificação de traços estilísticos do texto, através de uma análise linguística de nível micro, como mostrou o estudo.

Considerações finais

Neste estudo conduziu-se uma análise de pares de contrastes em quatro traduções para o português europeu de HOD, comparando-se com os pares de contrastes do TF, e concluiu-se que este tipo de análise estilística, visando a observar escolhas lexicais, em um nível micro linguístico, pode apontar para mudanças maiores no texto final, o nível macro. Além disso, as diferenças e semelhanças entre os tradutores em si, e em comparação com o TF, podem ser consideradas como traços característicos de estilo tanto do tradutor como do texto traduzido. Viu-se que o tradutor tem uma importância como mediador, não só entre línguas, mas principalmente entre culturas e fatos. Desse modo, como preconizou Baker (2000), o tradutor deixa sua impressão digital no texto e por meio de rastreamento eletrônico é possível identificar essa impressão.

O estudo aqui proposto também pode ter utilidade tanto para o ensino de línguas, como para o treinamento de tradutores, uma vez que enfatiza que toda tradução envolve processo de escolha e essas escolhas serão de ordem linguística, artística e cultural e influenciarão, de modo decisivo, a forma como o leitor visualizará o mundo ficcional. Ainda, a narrativa de Conrad, com o tema da ambiguidade para descrever as relações sociais, é, com certeza, um terreno fértil para ser explorado por tradutores atuais e futuros no que tange às preferências por padrões de escolhas lexicais que envolvem temas que denunciam tensões sociais. Assim, este estudo cumpre um papel não só de cunho

linguístico, mas de educação universal, trazendo reflexões importantes para a formação de um tradutor.

Referências

ASSIS, R. C. *A representação de europeus e de africanos como atores sociais em Heart of Darkness (O coração das trevas) e em suas traduções para o português: uma abordagem textual da tradução*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/PosLin, 2009.

BAKER, M. *Corpus linguistics and translation studies: implications and applications*. In: BAKER et al. (eds.). *Text and technology: In honour of John Sinclair*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993. p. 233-250.

_____. *Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research*. *Target*, Amsterdam, v. 7, n. 2, 1995. p. 223-243.

_____. *Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead*. In: SOMERS, H. (ed.). *Terminology, LSP and translation: studies in language engineering in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996. p. 177-186.

_____. *Towards a methodology for investigating the style of a literary translator*. *Target*, Amsterdam, v. 12, no. 2, 2000. p. 241-266.

_____, SALDANHA, G. *The Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, Nova York: Routledge, 2009.

BARCELOS, C. *O estilo de tradutores: apresentação do discurso no corpus paralelo Heart of Darkness/ (No) Coração das trevas*, (Mestrado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011.

CONRAD, J, 1902. *Heart of Darkness*. Londres: Penguin Books, 1902/1994.

_____. *O Coração das trevas*. Lisboa: Editorial Fina Estampa, 1983/1988/1999/2006 (Tradução de Aníbal Fernandes).

_____. *O Coração das trevas*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1999 (Tradução de Ana Margarida Marcos).

_____. *Coração das trevas*. Lisboa: Nova Vega, 2008 (Tradução de Bernardo de Brito e Cunha).

_____. *O coração das trevas*. Alfragide: Dom Quixote, 2009 (Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues).

BERBER-SARDINHA, T. *Linguística de corpus*. Barueri: Manole, 2004.

LEECH, G. N.; SHORT, M. S. *Style in Fiction: A Linguistic Introduction to English Fictional Prose*, Harlow: Longman. 1981.

MAGALHÃES, C. M. ESTRA: Um corpus para o estudo do estilo da tradução. Florianópolis: *Cadernos de Tradução*, nº 34, p. 248 – 271, 2014.

MAGALHÃES, C; ASSIS, R. C. *Representação de atores sociais em corpus paralelo: Heart of Darkness e suas traduções para o português*. In: COHEN, Maria Antonieta; LARA, Gláucia Muniz Proença. (Org.). *Linguística, tradução, discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 201-220.

_____; CASTRO, M.C.; MONTENEGRO, M.S. Estilística tradutória: um estudo de *corpus* paralelo de uma tradução brasileira e uma tradução portuguesa de *Heart of darkness*. *TradTerm*, v. 21, p. 11-29, jul. 2013.

_____; BARCELLOS, C. Estilo de Tradutores: Estudo baseado no corpus *Heart of Darkness/ (No) coração das trevas*. In: *Pesquisas e perspectivas em Linguística de Corpus*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2014

_____; BLAUTH, T. P. Estilo do tradutor: um estudo do uso do itálico, palavras estrangeiras e itens culturais específicos por seis tradutores de *Heart of Darkness*. In: VIANA, V. e TAGNIN, S. *Corpora na tradução*. São Paulo: Hub Editorial, 2015, p. 171-209.

MALMKJAER, K. What happened to God and the angels: an exercise in translational stylistics. *Target*, Amsterdam, v. 15, 2003. p. 37-58.

_____. Translational stylistics: Dulcken's translations of Hans Christian Andersen. *Language and Literature*. SAGE publications (London, Thousand Oaks, CA and New Delhi), v. 13 (1), 2004. p. 13-24.

MONTENEGRO, M. S. *O perfil de quatro tradutores portugueses de heart of darkness: um estudo do estilo do tradutor com base em corpus*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG: 2015, 183f.

SALDANHA, G. *Style of Translation: An exploration of Linguistic patterns in the translations of Margaret Jull Costa and Peter Bush*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos Interculturais) da Universidade de Dublin, 2005. 235 f.

_____. Explicitation Revisited: Bringing the Reader into the Picture. *Trans-kom* . v. 1, n. 20, 2008, p. 20-35.

_____. Translator Style: methodological considerations, Manchester: St. Jerome Publishing, *The Translator*. Volume 17, Número 1, 2011a. p. 25-50.

_____. Style of translation: the use of foreign words in translations of Margaret Jull Costa and Peter Bush. In: KRUGER, A.; WALLMACH, K.; MUNDAY, J. (Eds.). *Corpus-based translations studies: research and applicatons*. London and New York: Continnum, 2011a, p. 237-258.

_____. Emphatic italics in English translations: stylistic failure or motivated stylistic resources? *Meta*, v. 56, n. 2, p. 424-442, 2011c.

_____. Style in, and of, Translation. In: BERMANN, S; PORTER, C. *A companion to Translation Studies*. London: Wiley Blackwell, 2014, p. 95-106.

SCOTT, M. *WordSmith Tools version 6.0*, Liverpool: Lexical Analysis Software, 2012.

SIMPSON, P. *Stylistics. A resource book for students*. London & New York: Routledge, 2004.

STUBBS, M. Conrad in the computer: examples of quantitative stylistic methods. Conrad, Concordance, Collocation: Heart of Darkness or light at the end of the tunnel? *Language and Literature*. Trier, Alemanha: Universidade de Birmingham: 14, 1, 2003. p. 5-24.

_____. Conrad in the computer: examples of quantitative stylistic methods. *Language and Literature*. Volume 14, Número 5, 2005. Disponível em: <http://lal.sagepub.com/cgi/content/abstract/14/1/5>.

TURCI, M. The meaning of ‘dark*’ in Joseph Conrad’s Heart of Darkness. In: TURCI, M; MILLER, D. *Language and verbal art revisited: Linguistic approaches to the study of literature*, London: Equinox, 2007. p. 96-114.